

FRACASSO ESCOLAR: UM SINTOMA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para colação de grau no curso de Psicologia, pela Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA, realizado sob a orientação da Prof.^a e Supervisora Maria Lúcia Lima de Queiroz Santos, Psicóloga - CRP. 02/013.

2007

Sidclay Bezerra de Souza

Aluno do curso de graduação de psicologia pelo Centro de Treinamento Especializado - CETE, da Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA (Brasil)

Orientação / supervisão

Maria Lúcia Lima de Queiroz Santos

Email:

sidclaybsouza@hotmail.com

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa busca compreender o fracasso escolar como sintoma na clínica psicanalítica. Nos dias atuais, a problemática abordada vem sendo discutida por diversas áreas do saber, entre elas, a psicologia e a pedagogia. A cada dia, a procura dos pais, por atendimento para seus filhos, tem aumentado significativamente nos consultórios de psicologia. Para que possamos compreender melhor o sintoma do fracasso escolar apresentado na clínica, precisamos nos questionar o que acontece na relação pai-mãe-filho, que possibilita a criança apresentar esse sintoma? Esse sintoma seria da criança, ou dos pais? Para maior aproximação sobre nossa temática, utilizamos como metodologia uma pesquisa bibliográfica, em que, seguindo Freud, alguns autores como Cordié, Mannoni, Dolto, dentre outros, serviram como norteadores deste trabalho, pois abordam sobre a questão problematizada.

Palavras-chave: Fracasso escolar, sintoma, relação triangular: pai-mãe-filho

*“Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram.
O segredo da Busca é que não se acha.
Para onde vai a minha vida, e quem a leva?
Por que faço eu sempre o que eu não queria?
Não sou eu quem escrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.”*

(PESSOA, Fernando. 1995, p. 242)

“Para que uma criança ‘aprenda’ é necessário que ela tenha o desejo de aprender”.

(CORDIÉ, 1997, p. 23).

INTRODUÇÃO

A problemática dessa pesquisa diz respeito ao fracasso escolar apresentado, na clínica psicológica, como sintoma. Nos dias atuais, o tema vem sendo discutido por duas áreas do saber: a psicologia e a pedagogia, que se completam e, ao mesmo tempo, diferenciam-se quanto à sua especificidade e forma de atuação.

A importância de discutirmos esse tema encontra-se na crescente busca dos pais por atendimento psicológico para seus filhos, que são encaminhados pelas escolas aos consultórios de psicologia. Na atualidade, existe grande debate acerca das possibilidades de atuação entre a psicologia e a pedagogia, todavia, não é o objetivo do trabalho abrir espaço para esse tipo de debate, mas pensar no sintoma contemporâneo do fracasso escolar, como uma possibilidade de manifestação da criança diante de sua relação com os pais.

O que nos motiva a pesquisar sobre tal assunto diz respeito ao nosso primeiro atendimento no estágio supervisionado em psicologia clínica, onde pudemos dar os primeiros passos no trilhar clínico. Paralelo a isso, tal motivação perpassa também por uma vivência numa instituição escolar, onde a experiência como orientador de disciplina possibilitou algumas motivações. Nesse percurso, percebemos que alguns alunos começaram a apresentar baixo rendimento escolar, obtendo notas abaixo da média proposta pela escola. O fato citado suscitou constantes

questionamentos sobre o que acontecia com esses alunos que “aparentemente tinham tudo” e/ou “recebiam tudo” de seus pais e não conseguiam obter êxito no rendimento escolar. Tal evento, que tanto provocou curiosidade, tem possibilitado uma maior aproximação, do ponto de vista psicanalítico, acerca do fracasso escolar e da relação triangular: pai-mãe-filho. Isso está resultando nessa pesquisa, cujo objetivo é discorrer sobre o sintoma na clínica psicanalítica de crianças, mais especificamente, debruçarmo-nos sobre a questão do fracasso escolar, como sintoma da relação pai-mãe-filho. Para melhor compreendermos o tema abordado nesse trabalho é preciso que nos questionemos: o que leva a criança a apresentar o fracasso escolar como sintoma na clínica psicanalítica? Do ponto de vista da psicanálise, para onde esse sintoma aponta?

A metodologia utilizada nesse trabalho foi uma pesquisa bibliográfica, em que, seguindo Freud, diversos autores como Dolto, Mannoni, Kupfer, Cordié, Checchinato, dentre outros, nortearam esse percurso que, aos poucos, vem sendo constituído. Através deles tivemos a possibilidade de inclinarmo-nos sobre a questão do fracasso escolar, muito presente nos consultórios clínicos de psicologia.

Eles agem com boa fé ao trazerem uma criança que eles mesmos e a sociedade circundante julgam perturbada, pois está perturbada na escola ou é afetada, em seu corpo, por distúrbios funcionais: da linguagem, da motricidade, anorexia, encoprese, enurese, gagueira e etc. (DOLTO, 1985, p. 32).

Essa pesquisa é dividida em dois capítulos: o primeiro traz-nos conhecimentos importantes sobre a temática. Começaremos com uma constituição histórica e social, enveredando para a realidade atual brasileira, favorecendo-nos uma compreensão do fracasso escolar como um sintoma típico dos nossos tempos. No segundo capítulo, com base nos textos de Freud, o enfoque é dado ao sintoma e seu sentido, além de discorrer sobre o fracasso escolar enquanto uma possível manifestação sintomática, na criança, da verdade do par parental. Vale salientar que tal problemática é apenas um dos casos, dentre diversos outros, encontrados na clínica com relação ao fracasso escolar, possibilitando-nos novos horizontes e questionamentos para os demais casos.

Para uma maior aproximação acerca do nosso tema, antes de adentrarmos na questão do sintoma do fracasso escolar, nosso primeiro passo será por meio da constituição histórica, situando-nos quanto ao surgimento desse “fantasma” que circunda entre a família, a escola e os consultórios de psicologia.

CAPITULO I - A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar, como uma patologia típica do mal-estar de nossos tempos, foi constituído ao longo dos anos. Todavia, é importante questionar se o fracasso escolar pode ser considerado como uma patologia de nossos tempos. Essa pergunta assume duas vertentes: por um lado, a revelação de um mal-estar associado a alguma característica de nossa contemporaneidade, e, por outro, como uma doença propriamente dita, que se manifesta como um sintoma da criança que chega à clínica de psicologia. Tal problema não nos move apenas pelo fato de sermos profissionais que podem atuar na área da educação, mas, sobretudo, afeta-nos pelo fato de grande parte dessa demanda procurar ajuda nos consultórios de psicologia.

Se o fracasso escolar se mantém por tanto tempo, é preciso contextualizá-lo e historicizá-lo para tirar-lhe o caráter de fenômeno natural que, por ser esperado, já que é natural, não é problematizado nem questionado. A primeira observação que temos que fazer é que, enquanto fenômeno é histórico, ou seja, nem sempre existiu, e se isto não ocorria deve-se ao fato de que a maioria da população brasileira não tinha acesso a escola [...] (BAETA, internet).

No cenário educacional, em meados do século XVIII, os jesuítas são expulsos do Brasil e de Portugal na tentativa de colocar a metrópole na linha do iluminismo europeu. Sob o comando do marquês de Pombal, o Brasil, diferente de Portugal, não tinha um sistema nacional próprio para o ensino elementar, logo, houve uma ruptura e, conseqüentemente, grande desmantelamento no ensino católico da época.

Já no século XIX, a corte portuguesa, fugindo de Napoleão, muda-se para o Rio de Janeiro. No ano de 1822, o Brasil se torna independente sob um rei português. Em 1838, no Rio de Janeiro, foi fundada a primeira escola pública secundária: o Colégio Pedro II. A educação do Brasil, nessa época, restringia-se a uma pequena camada da população elitista, logo, só freqüentavam a escola aqueles que faziam parte dessa elite.

No final do século XIX, o Brasil era uma sociedade predominantemente rural, sob o domínio de um império centralizado que tentava adotar a pompa dos Estados Nacionais europeus, mas sem recursos para incorporar a população empobrecida das províncias distantes, onde os ciclos econômicos do açúcar e do ouro havia muito tinham-se acabado (SCHWARTZMAN, internet).

A escola medieval tinha como objetivo principal a instrução técnica, a qual acolhia crianças, jovens e adultos, precoces ou atrasados, sem haver distinção entre eles. Com o final do século XIX, a população “sem instrução” tinha acesso a ofícios e trabalhos meramente artesanais, que tinham como função dar sustento às famílias, garantindo a sua devida sobrevivência. Tais atividades eram passadas de geração em geração.

Por volta de 1890, começa a se formar no Estado de São Paulo um novo conceito de educação pública. Com a modernização do Estado, unidades de ensino dispersas foram transformadas em “grupos escolares”. Nesses grupos, os alunos eram agrupados de acordo com a idade e nível de conhecimento. Em 1906, o governo federal, no sentido de reorganizar as escolas, aprovou uma lei para o ensino primário, proclamando as virtudes da caligrafia vertical, como mais eficiente, racional e adequada para ensinar a escrita.

Com o surgimento da revolução industrial, em que as máquinas começam a aparecer no cenário trabalhístico, devendo substituir o homem em seu trabalho, nasce, então, a necessidade desse homem adaptar-se frente a uma nova realidade. Uma nova demanda começa a surgir. A partir daí, o homem começa a buscar por adquirir novas competências e habilidades para permanecer no novo cenário econômico que surgia.

O desemprego veio agravar as dificuldades de inserção daqueles que “não estudaram”, pois essa nova ordem econômica exige dos trabalhadores um nível de competência cada vez mais elevado (CORDIÉ, 1997, p. 19).

Pela tamanha e brutal ruptura causada pela revolução industrial, além da conseqüente dualidade homem versus máquina, começam a surgir novos conflitos culturais que se estabeleceram entre as gerações. Com isso, estabelece-se a crença de que, uma vez fracassado na escola, esse sujeito fracassará na vida afora, tornando-se incapaz de lidar com a necessidade sócio cultural da época.

Conforme nos sugere Cordié (1997), esse sujeito, na contemporaneidade, se constituirá guardando em sua vida vestígios como vergonha, sentimentos de inferioridade referente ao seu fracasso, desgosto, além de questionamentos sobre sua identidade. O fracasso escolar, por sua vez, ocupará um papel importante na vida do sujeito. Aos que obtiverem bom rendimento nas escolas, terão como garantia o sucesso na vida? E aos que não obtiverem tamanho sucesso nas escolas, o que lhes está reservado?

1.1 O fracasso escolar

Pensar na problemática proposta nessa pesquisa e suas variadas repercussões na clínica remete-nos pensar na realidade atual brasileira e nas demandas que chegam aos consultórios de psicologia. Diante da realidade brasileira, o fracasso escolar apresenta-se de duas formas típicas: a repetência e a evasão escolar vêm crescendo constantemente. A repetência está relacionada com o fato do aluno não conseguir obter a média anual proposta pela instituição escolar da qual faz parte. Já a evasão diz respeito à desistência do aluno por algum motivo e em qualquer época do período letivo. Para tal realidade, constituída ao longo dos anos, surge a possibilidade de algumas práticas e conhecimentos específicos. A partir de então, a psicologia começa a intervir nessa realidade, contribuindo para uma maior aproximação da problemática.

O fracasso escolar vem sendo discutido por educadores, psicopedagogos, psicólogos, psicanalistas, dentre outros profissionais. Esse mal-estar vem ganhando, cada vez mais, uma maior atenção no cenário educacional. Esse “fantasma”, o fracasso escolar, que ronda pelo mundo da educação, tornou-se presente a partir do momento em que a escolaridade começou a ser algo obrigatório, aprisionando o sujeito aos valores de uma cultura contemporânea que julga apenas obter êxito na vida as pessoas que estudam e possuem boas notas no boletim escolar. Para a psicanálise, vale ressaltar que o sujeito é regido por leis próprias distintas da razão. Este sujeito “fracassado” faz parte de um sistema de relações que pré-existe ao seu nascimento. A partir daí, ele é introduzido no discurso familiar, no desejo de seus pais, e é através do discurso do par parental que podemos perceber o lugar ocupado pela criança na família e no desejo dos pais.

De acordo com o pensamento de Kupfer (1997), o fracasso escolar pode abranger três aspectos. O primeiro diz respeito ao insucesso escolar decorrente da limitação institucional; o segundo aspecto está relacionado a uma questão estrutural do sujeito, que interfere na aprendizagem; o terceiro aspecto diz respeito ao fracasso escolar como sintoma na criança como fruto da relação triangular pai-mãe-filho.

No tocante ao primeiro aspecto mencionado pela autora, percebemos a incapacidade do ponto de vista da instituição escolar (aqui incluímos também a deficiência/incapacidade dos profissionais que lidam diretamente com a educação: professores, pedagogos, psicólogos, etc.). Tal atitude é consequência de uma distorção de toda construção da relação professor-aluno, pois, muito antes de observar como o raciocínio do aluno se estrutura, o profissional já busca enquadrar esse aluno num determinado grupo, vendo esse sujeito com algum distúrbio ou problema de aprendizagem. Esse tipo de atitude apenas denuncia a inflexibilidade e o despreparo do profissional frente às diferentes necessidades do outro, ou seja, do aluno.

Quanto ao segundo aspecto, que aponta para uma questão estrutural do sujeito, Kupfer (1997) adverte-nos que é importante lembrar que os profissionais em educação devem ser alertados para o fato de que as dificuldades de aprendizagem decorrentes de problemas

estruturais da subjetividade de uma criança, como por exemplo uma criança psicótica, não são problemas de aprendizagem, mas problemas estruturais do sujeito que dificultam a aprendizagem da criança.

É no terceiro aspecto, em que o fracasso escolar aparece como sintoma, que nos debruçamos nesse trabalho, tentando compreender o que de fato ocorre nessa relação capaz de calar o desejo da criança. Esse mal-estar aparecerá como sintoma dessa relação parental, possibilitando a criança constituir-se enquanto sujeito desejante.

A família possui um papel fundamental na construção da subjetividade do sujeito. Com o surgimento da globalização e seu desenvolvimento até os dias atuais, esse berço de constituição tem mudado cada vez mais. As relações conjugais tornaram-se mais tensas e confusas, quanto à função e o papel que cada um ocupa na família. O fracasso escolar seria fruto dessa mudança em que várias formas de famílias são constituídas? Será que existe alguma relação entre os tempos pós-modernos, a família e sintoma? Ou seria o fracasso escolar fruto da constituição familiar dos dias atuais?

1.2 O fracasso escolar: uma patologia dos nossos tempos?

Em cada momento de nossa história, podemos verificar uma determinada patologia produzida pela sociedade. Foram muitas “moléstias” que surgiram com o passar do tempo, que puseram em xeque o saber científico.

Houve a cólera, e mais próximo de nós, a tuberculose e a sífilis. Se os antibióticos deram conta dessas doenças, se as vacinações extinguiram muitas epidemias, outros males, no entanto, apareceram, fazendo fracassar o saber médico, tal como a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), que vem nos lembrar os limites da medicina e o triunfo derradeiro da morte (CORDIÉ, 1997, p. 15).

Com o progresso da medicina, conseqüentemente algumas doenças obtiveram tratamento e a possibilidade de cura. Em outros casos, como o câncer, por exemplo, o saber científico ainda dedica seu tempo e seus estudos à procura de uma solução capaz de sanar, dentro de suas possibilidades, o sofrimento decorrente de tal patologia. Enquanto isso, muitas misturas químicas são realizadas nos grandes centros de estudos farmacológicos, a fim de obter um resultado capaz de abolir o sofrimento alheio. Com o passar do tempo, muitas das patologias tiveram seus nomes e seus sintomas modificados, como o exemplo da própria conversão histórica da qual Freud nos falou durante muito tempo, que, conforme nos sugere Cordié (1997), assume um outro tipo de

manifestação nos dias atuais. Isso possibilita às pessoas outra forma de expressar seu sofrimento, trazendo, conseqüentemente, uma mensagem de um corpo que se faz linguagem. Quanto ao fracasso escolar, esse é fruto de uma mudança social do mundo do trabalho que se torna cada vez mais tecnicizado, fazendo desse fracasso, uma nova patologia derivada da transformação social.

O fracasso escolar é uma patologia recente. Só pôde surgir com a instauração da escolaridade obrigatória no fim do século XIX e tomou um lugar considerável nas preocupações de nossos contemporâneos, em conseqüência de uma mudança radical da sociedade moderna que causa os distúrbios, como se pensa frequentemente, mas um sujeito que expressa seu mal-estar na linguagem de uma época em que o poder do dinheiro e o sucesso social são valores predominantes. A pressão social serve de agente de cristalização de um distúrbio que se inscreve de forma singular na história de cada um (CORDIÉ, 1997, p. 17).

Com o surgimento da revolução industrial, conforme mencionado anteriormente, uma nova dualidade começa a surgir: o fracasso versus o sucesso, ambos implicando num julgamento de valor imposto pela sociedade. Ao sujeito cabe escolher conformar-se ou opor-se diante desses valores estabelecidos. Logo, o sucesso ou fracasso escolar ocupa um lugar importante na vida do sujeito, que irá apontar para possíveis “feridas narcísicas”: ser depreciado aos olhos do Outro e conseqüentemente aos seus. Isso leva-nos a pensar que o ser bem sucedido na escola sugere-nos o ser bem sucedido na vida, obter uma visibilidade na sociedade do ter, ser respeitado pelos outros, ser honrado. Ser bem sucedido na escola aponta-nos para a cultura do “ter”; ter acesso, portanto, ao consumo dos bens, por exemplo, algo típico de nossa “sombria” sociedade capitalista.

De acordo com o imaginário popular, o “ser fracassado” na escola tem como conseqüência ser fracassado na vida, estar desempregado, não obter o devido respeito, não ocupar lugar algum na sociedade. Ao saber é concedido algo de grande valor cultural. Este pensamento é fortalecido diariamente pelo discurso das escolas e das famílias. Quem de nós nunca ouviu de nossos pais e/ou professores: “o estudo é tudo, sem ele a pessoa é nada”, “estude para ser alguém na vida”, “estude pra não ser um estivador ou puxador de carroça”, ou até mesmo, “aluno exemplar é aquele que tira boas notas”. Frases imperativas desse gênero trazem consigo o contexto histórico e cultural do fracasso escolar e seus possíveis desdobramentos na vida dos sujeitos que chegam aos consultórios psicológicos.

O processo de escolarização pode representar uma ruptura na vida do sujeito, que irá interferir nas suas relações, seja na escola, em casa ou na rua e que se estenderá por sua vida afora. Para obter o tão almejado “sucesso” na vida, o sujeito tem que estudar ou simplesmente ter boletins recheados de boas notas. Caso contrário, esse é um ser “fracassado”, que de acordo com o dito popular: “um zé ninguém na vida”.

Após o resgate da questão histórica do fracasso escolar, compreendendo seu surgimento na cultura e suas repercussões na vida do sujeito, buscaremos compreender o fracasso escolar como um sintoma, seu sentido e para onde ele aponta.

CAPÍTULO II - O SINTOMA

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação instintual que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de repressão (FREUD, 1926, p. 60).

A questão do sintoma, sua formação além das diversas possibilidades de manifestação, é de extrema importância para a clínica psicológica, em especial para a clínica psicanalítica. Dentre outros motivos, o fracasso escolar e suas variadas repercussões na vida do sujeito têm levado inúmeras pessoas aos consultórios de psicologia em busca de amenizar o sofrimento decorrente desse mal-estar.

Para que possamos compreender melhor a temática desse trabalho, precisamos nos questionar: o que é o sintoma para a psicanálise? O sintoma, segundo Freud (1917), são atos prejudiciais ou pelo menos inúteis à vida da pessoa que deles se queixa, como algo indesejado e causadores de desprazer e sofrimento, resultando num empobrecimento e paralisação da pessoa em tarefas importantes de sua vida. Tal sintoma representa um conflito que surge como uma nova forma de satisfazer a libido.

[...] os sintomas neuróticos são resultados de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido. As duas forças que entram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado (Id., Ibid., p. 85).

Existe uma controvérsia entre o sintoma propriamente dito e a inibição, fazendo muitas pessoas confundirem o papel que cada um ocupa na vida do sujeito. Freud (1926), em seu texto inibição, sintoma e ansiedade, procura nos mostrar que a inibição refere-se à restrição de uma determinada função, ou seja, necessariamente não há indício patológico. Já o sintoma denota a presença de algum processo patológico; logo, um sintoma pode ser também uma inibição de uma determinada função.

O uso lingüístico, portanto, emprega a palavra inibição quando há uma simples redução de função, e sintoma quando uma função passou por alguma

modificação inusitada ou quando uma nova manifestação surgiu desta (Id., 1926, p. 57).

No que diz respeito à inibição, Freud aponta para a função sexual e a função da nutrição. No que diz respeito à inibição da função alimentar, afirma que:

...é, com a maior freqüência, perturbada por uma falta de inclinação para comer, acarretada por uma retirada da libido. Um aumento do desejo de comer também não constitui coisa incomum. A compulsão para comer é atribuída ao medo de morrer de fome, mas isto é um assunto pouco estudado. [...] A recusa de comer devido à ansiedade é concomitante de estados psicóticos [...] (Id., Ibid., p. 58).

No tocante ao fracasso escolar, autores como Cordié associam o fracasso escolar, ou seja, o “nada aprender”, ao “nada comer” do anoréxico. Esse, por sua vez, sofre uma inibição no desejo de comer, algo que interfere na função alimentar do sujeito, enquanto que no fracasso escolar o que ocorre é uma inibição no desejo de aprender; logo, este sujeito encontra-se “incapaz de aprender”.

De acordo com o que nos propõe Freud (1926), o sintoma nada mais é do que um sinal e substituto de uma satisfação libidinal que permaneceu em estado jacente, ou melhor, não foi satisfeito devido ao mecanismo de repressão processada a partir do ego, quando este se recusa a associar-se com as “idéias” do *id*.

O ego, através da repressão, é capaz de preservar a idéia que é o veículo do impulso repreensível a partir do tornar-se consciente. A repressão surge da relação do ego com o *id* e o superego, trazendo como conseqüência o sintoma. O ego, por sua vez, encontra-se entrelaçado com *id* e o superego, embora só possa ser distinguido entre eles a partir de uma tensão ou conflito entre os mesmos. “Na repressão, o fato decisivo é que o ego é uma organização e o *id* não. O ego é, na realidade, a parte organizada do *id*” (Id., Ibid, p. 63-64).

Algumas vezes, a luta defensiva contra o impulso instintual desagradável é eliminada com o sintoma. Isso significa dizer que ao sintoma cabe a tarefa de eliminar a “luta” existente entre o *id* e o ego, algo frequentemente possível naquilo que Freud denominou de “conversão histérica”. Nela, existe um meio termo entre a necessidade de satisfação e a necessidade de punição, que atende a uma exigência do superego e apresenta posições ocupadas pelo que outrora foi reprimido.

Portanto, é natural que o ego deva tentar impedir que os sintomas permaneçam isolados e alheios, utilizando todos os métodos possíveis para agregá-los a si de uma maneira ou de outra, e para incorporá-los em sua organização por meios desses vínculos. Como sabemos, uma tendência dessa natureza já se acha atuante no próprio ato da formação de um sintoma (Id., Ibid, p. 64).

Desta forma, a presença de um sintoma pode impor ao sujeito uma baixa na sua capacidade, que serve para diminuir alguma exigência do superego ou até mesmo recusar algo do mundo externo. Como esse trabalho busca focar a diminuição do rendimento escolar, o qual denominamos fracasso escolar, urge a partir daí, compreendê-lo enquanto sintoma.

Para Checchinatto (2007, p. 138), o sintoma é “compreendido como um fenômeno subjetivo, que angustia, inibe e aparece no real como a expressão de um conflito, de um núcleo patogênico inconsciente, que faz sofrer, mas ao mesmo tempo propicia gozo.” A criança, por ser objeto de desejo de seus pais, também ocupa o papel de abrigo e morada da projeção fantasmática dos pais. A criança projetará o que é de problemático na estrutura familiar. Com isso, o sintoma irá representar a presença do que é ausente (inconsciente) em sua família. Restamos dizer que o sintoma é um significante, um enigma que precisa ser *des-coberto* no sentido etimológico da palavra; que precisa ser desocultado, a fim de que a verdade do par parental apareça.

Para que possamos nos aproximar ainda mais da questão sintoma e sua importância na subjetividade do sujeito, precisamos pensar qual o seu sentido na vida do sujeito. Vale ressaltar que em cada sujeito o sintoma atuará de forma única e estará de acordo com o que é vivido na dinâmica familiar de cada um.

2.1 O sentido do sintoma

[...] os sintomas têm um sentido e se relacionam com as experiências do paciente (FREUD, 1917, p. 12).

Assim como uma bússola que orienta, aponta e norteia para onde devemos seguir, para a psicanálise, o sintoma irá apontar para as experiências de cada sujeito. Segundo o que nos propõe Mannoni (1985), para que possamos compreender o sintoma e seu sentido apresentado na clínica psicanalítica é preciso voltarmos para a dinâmica e a estrutura familiar de cada sujeito. Isso possibilita-nos, sobretudo, uma maior aproximação no tocante às manifestações sintomáticas da criança e à representação simbólica que o sintoma ocupa em sua subjetividade.

O pai sabe que os sintomas são álibis para um mal que se situa alhures; mas não lhe pode descobrir o sentido, pois, cada vez, o sintoma é objetivado; não deixa então nenhum lugar à palavra do indivíduo. A criança torna-se suporte anônimo de um drama que a ultrapassa. Neste mundo de surdos, sua palavra é destinada a não propor nenhuma mensagem (Id, 1983, p. 57).

Quando os pais procuram um consultório psicológico, a queixa parental encobre com frequência sintomas mais sérios, ou pelo menos diferentes daqueles que motivam e os levam aos consultórios de psicologia. À medida que a transferência vai sendo estabelecida é que os pais poderão, de maneira correta, formular a sua pergunta, de um modo que permita a entrada do sujeito numa psicanálise.

Eis uma das questões que norteiam o sentido da problemática: O que pode acontecer na relação pai-mãe-filho, capaz de presentificar na criança uma sintomatologia decorrente dessa triangulação? É comum ouvirmos frases como: “toda criança-problema corresponde a pais-problemas” ou “filho de peixe, peixinho é”. Frases desse gênero nos sugerem, segundo Mannoni (1985), que por trás de um sintoma há possibilidade de desordem familiar, ou melhor, o que compromete a criança não é a desordem em si, mas a negação da desordem existente, em que os pais procuram “fechar os olhos como se nada estivesse acontecendo”, “como se nada existisse de errado”.

O fantasma, isto é, o sintoma, aparece como um véu, cuja função é esconder o texto original ou o acontecimento perturbador. [...] O sintoma, como mostra Freud, inclui sempre o indivíduo e o Outro. Trata-se de uma situação em que o doente procura fazer ouvir, por meio de um fantasma de castração, a maneira como se situa em face ao desejo do outro (Id, 1983, p. 38-39).

Logo, através da situação familiar, podemos compreender o lugar ocupado pela criança no discurso dos pais. “O sintoma é uma linguagem que nos cabe decifrar. O indivíduo propõe a sua questão por intermédio de seus pais, para eles ou contra eles” (Id, 1985, p. 73). É importante dizer que a família é absolutamente necessária para a constituição do sujeito humano.

O que se depreende é a maneira pela qual uma criança é marcada, não somente pela maneira como é esperada antes do seu nascimento, como também pelo que vai representar para um e outro dos pais em função da história de cada um. Sua existência real vai chocar-se assim com projeções paternas inconscientes, donde vêm os equívocos. Se a criança tem a impressão de que todo acesso a uma palavra verdadeira lhe é vedado, pode, em certos casos, procurar uma possibilidade de expressão (Id, 1983, p. 65).

Por meio do símbolo do sintoma é que a criança irá exprimir a situação familiar em que vive, já que, às vezes não lhe é possível expressar através da palavra o que acontece na relação familiar, em especial, com par parental. O sintoma, por sua vez, representa simbolicamente o não-dito na relação triangular, berço, abrigo, morada e terreno fértil: lugar de constituição do sujeito.

2.2 Fracasso escolar: um sintoma da criança ou um sintoma dos pais?

É importante perceber que a clínica psicanalítica com crianças, diferente da clínica com adultos, coloca-nos diante de demandas que se diferenciam. Tais demandas não partem diretamente da criança, mas apresentam-se como reflexos da estrutura e dinâmica familiar. Isso leva-nos a dizer que a criança se constitui a partir da estrutura familiar da qual faz parte. O que se considera estruturante diz respeito à maneira como a criança foi recebida pelos pais e por eles conduzida no tocante as suas pulsões. “Já bem antes de a criança vir ao mundo, antes mesmo que os pais se conheçam, a base da trama edípica já está posta. Conforme os pais tecem seus projetos, incluindo, sobretudo, o dos filhos, estes estão com a sorte lançada” (CHECCHINATO, 2007, p. 118). Logo, o lugar ocupado pela criança no discurso do par parental irá orientar todo trabalho psicanalítico realizado com a criança. Todavia, para ter acesso ao desejo dos pais, conforme nos sugere Checchinato (2007), é preciso que a palavra que o constitui seja deliberada, já que tais palavras que exprimem o desejo dos pais abafam o desejo dos filhos. Por isso, é preciso nos questionar se: Marcado pelo desejo dos pais, o sintoma do fracasso escolar aparece como fruto de uma criança-sintoma dos pais ou como sintoma da criança?

O sintoma do filho caminha no sentido contrário: tem a finalidade de praticar uma ocultação, um desconhecimento de uma verdade perturbadora. Ora, toda verdade subjetiva perturba, pois é sempre destronamento de nossas “certezas imaginárias” (Id, 2007, p. 157).

A partir do discurso dos pais, apresentado no que denominamos de anamnese ou de primeiras entrevistas com os pais, o lugar ocupado pela criança frente ao desejo do par parental é desvelado. A neurose dos pais aparecerá como fundamental no surgimento do sintoma da criança. Vale lembrar que estamos abordando a problemática do fracasso escolar.

Segundo Zornig (2000), a criança é defrontada diante de duas demandas. A primeira diz respeito à demanda parental, onde a criança tem que atender às expectativas do par parental. Com isso, a criança tem como dever responder as idealizações parentais. A segunda está relacionada com a demanda social. Nela a criança tem que identificar-se a um modelo de sistema de valores. Entre tais valores eleitos pela sociedade, podemos citar o escolar, como obter boas notas; o estético, como por exemplo, estar dentro do padrão de beleza exigido pela sociedade contemporânea; etc.

No entanto, se a criança escolhe escapar de tal maniqueísmo por uma subversão à norma, ela é colocada à margem, não somente da escola, mas do social. Os pais, informados que seu filho “não vai bem” por não se integrar ao

sistema, que tem por objetivo sua pretensa felicidade, procuram soluções que visem ao restabelecimento da norma, a fim de que o eu-ideal proposto pela ideologia possa ser alcançado e o gozo social reasssegurado (Id, 2000, p. 131).

Quando a criança não atende a nenhuma das demandas do par parental, surgem as possibilidades de manifestações sintomáticas que visam responder às neuroses dos pais. Com isso, Zornig (2000) sugere-nos que é preciso “escutar o que significa para a criança seu sintoma, qual o seu sentido fundamental de sua dinâmica assim presentificada, e quais as possibilidades que este presente prepara, preserva e promete”.

Algo do inconsciente dos pais veicula no sintoma da criança. Nesse caso, estamos falando especificamente do fracasso escolar. A criança, por sua vez, testemunha a verdade dos pais, e o sintoma do fracasso escolar apresentado pela criança nada mais é do que uma confirmação do fracasso do ideal de seus pais. Um novo dilema surge a partir daí: responder ao desejo do par parental ou acordar para o próprio desejo? É através de seu sintoma que a criança encontrará uma possibilidade para não mais ser para seus pais esse outro imaginário. E sendo assim, a própria criança encontra, através do fracasso escolar, uma maneira de afirmar sua subjetividade, constituindo-se enquanto sujeito desejante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa, pudemos perceber a importância de pensar numa problemática que vem crescendo a cada dia no meio familiar, nas escolas e que se estende aos consultórios de psicologia. As reflexões oriundas do levantamento bibliográfico sobre o fracasso escolar como sintoma trouxe-nos uma aproximação maior acerca da problemática, além de nos favorecer subsídios para uma das demandas clínicas contemporâneas.

Analisando historicamente, pudemos perceber que o fracasso escolar apresenta-se como algo típico de nossa cultura pós-industrial que a cada dia busca superar os seus limites. Os que não acompanham o ritmo acelerado e frenético dessa constante mudança são cristalizados e deixados para trás. Logo, o fracasso escolar apresenta-se como uma das diversas patologias dessa mudança exacerbada. Uma nova dicotomia surge a partir dessa ruptura: o sucesso versus o fracasso escolar.

Conforme os autores que serviram como norte para esse trabalho, é preciso compreender a estrutura e a dinâmica familiar em que o sujeito está inserido para compreendermos o sintoma e o sentido que ele representa na subjetividade da criança. A relação parental possui um papel importante e fundamental na eclosão dos sintomas da criança, além de denunciar suas fantasias e

seus desejos. O sintoma, nesse caso o fracasso escolar, vem em defesa de um mínimo de subjetividade contra a alienação nos ideais do Outro, nesse caso, dos pais. O sintoma, por sua vez, apontará para a verdade do par parental. Por meio da criança, o sintoma: o fracasso escolar é manifestado, expressando o que há de real na relação triangular.

O discurso dos pais acerca da criança direcionará o lugar que esta ocupará no desejo dos pais. Logo, a criança, através de seu sintoma, especificamente do fracasso escolar, irá confirmar o fracasso do “ideal” de seus pais. Através do sintoma do fracasso escolar, a criança encontrará uma possibilidade para não mais fazer parte do “desejo aprisionador” de seus pais. Com isso, surge a possibilidade da criança afirmar-se enquanto sujeito desejante. Se a “criança-sintoma” diz respeito ao discurso familiar sobre o sujeito, o sintoma da criança refere-se à sua subjetividade. Se olharmos além das expectativas e desejos parentais, sempre veremos um sujeito que se posiciona, ou ousa posicionar-se de alguma forma frente ao Outro, tramando e tecendo sua história de maneira singular.

Resta-nos dizer que o tema abordado nessa pesquisa favoreceu-nos, na medida do possível, uma aproximação acerca do fracasso escolar como sintoma, proporcionando-nos uma escuta mais assegurada no tocante à angústia da criança, que se constitui a partir do desejo do Outro (pais). Falar de aproximações acerca da problemática remete-nos dizer que uma compreensão global sobre o tema entra pelo viés do impossível. Com isso, muitas questões ainda poderão surgir, tendo em vista que essa pesquisa não poderia abarcar completamente a problemática. Diante da complexidade do tema abordado, que surjam novas indagações e questionamentos, que possam servir-nos de norte, trazendo-nos sentido e novos horizontes.

REFERÊNCIAS

BAETA, Anna Maria Bianchini. **Fracasso escolar: mito e realidade.** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_06_p017-023_c.pdf> Acesso em: 12 dez. 2006.

CHECCHINATO, Durval. **Psicanálise de pais: criança, sintoma dos pais.** Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007.

CORDIÉ, Annie. **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DEGENSZAJN, Raquel Diaz; ROZ, Deborah Patah; KOTSUBO, Lucimeire. Fracasso escolar: uma patologia dos nossos tempos? **Revista de Psiquiatria.** São Paulo, v. 01, p. 106-113, 2001. Disponível em: <<http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/511.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2006.

DOLTO, Françoise. Prefácio In: **A primeira entrevista em psicanálise.** 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

_____. **Seminários de psicanálise de crianças I e II.** Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

_____. **No jogo do desejo.** São Paulo: Ática, 1996.

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade.** [S.l.]: Editora Standard Brasileira, 1926. (Coleção Obras completas, v. XX).

_____. **O sentido dos sintomas.** [S.l.]: Editora Standard Brasileira, 1917. (Coleção Obras completas, v. XVI).

_____. **Os caminhos da formação dos sintomas.** [S.l.]: Editora Standard Brasileira, 1917. Edição eletrônica. (Coleção Obras completas, v. XVI)

KUPFER, Maria Cristina. Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. **Revista da Fundação Para o Desenvolvimento da Educação**. São Paulo, n. 28, 1997.

MANNONI, Maud. **A primeira entrevista em psicanálise**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

_____. **A criança, sua “doença” e os outros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

SCHWARTZMAN, Simon. **Os desafios da educação no Brasil**. 44 p. Disponível em:<<http://www.schwartzman.org.br/simon/challenges/simon.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2006.

ZORNIG, Silvia Aba-Jamra. **A criança e o infantil em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2000.